Poemas da Literatura Brasileira

Períodos literários da Literatura Brasileira

Quinhentismo

Barroco

Arcadismo

Romantismo

Realismo

Naturalismo

Parnasianismo

Simbolismo

Pré-Modernismo

Modernismo

Pós-Modernismo

Quinhentismo, fase inicial da literatura brasileira

Poema de Pe. José de Anchieta.

Ao Santíssimo Sacramento

Oh que pão, oh que comida,

Oh que divino manjar

Se nos dá no santo altar

Cada dia.

Filho da Virgem Maria

Que Deus Padre cá mandou

E por nós na cruz passou

Crua morte.

E para que nos conforte

Se deixou no Sacramento

Para dar-nos com aumento

Sua graça. [...]

Arcadismo, época marcada pela ascensão dos valores burgueses.

Poema de Manoel Maria de Barbosa Du Bocage

Se é doce

Se é doce no recente, ameno Estio

Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,

E, lambendo as areias e os verdores,

Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio

Ouvirem-se os voláteis amadores,

Seus versos modulando e seus ardores

Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados

Pela quadra gentil, de Amor querida,

Que esperta os corações, floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,

Dar-me em teus brandos olhos desmaiados. Morte,

morte de amor, melhor que a vida.

Romantismo, espírito idealista e sonhador, idealização da mulher, individualismo, nacionalismo, retomada passado histórico (indianismo) e a valorização da liberdade.

Poema de José de Alencar

Norma

TODA a harmonia sublime
Tem uma tecla, uma fibra,
Uma palavra que a exprime,
Corda suave que vibra.
Canta o poeta na lira,
Na praia a vaga suspira,
Gemendo soluça o vento
Dos mares na solidão;
Mas a ti por instrumento
Deu-te Deus o coração.

Nessa harpa do sentimento
Todas as vozes são hinos,
Transforma-se o pensamento
Em mil poemas divinos.
Quando tua alma celeste
Formas do génio reveste,

Há no canto um drama vivo,
Realismo, os escritores começam a se preocupar em
Cada som cria uma ideia,
enunciar, principalmente, a realidade social e os
E com teu gesto incisivo
conflitos existenciais do ser humano.
Escreves uma epopeia.

Poema de Machado de Assis

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
a despeito de toda a humana lida,
nossa existência apeteçada
recanto pôs o mundo inteiro.

Que,
Fez a
E num

flores - restos arrancados
que nos viu passar unidos
mortos nos deixa e separados.

Trago-te
Da terra
E ora

se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Que eu,

Parnasianismo, o parnasianismo buscou o retorno aos temas clássicos, em oposição à poesia romântica, valorizando o rigor formal e a poesia descritiva.

Poema de

Raimundo Correia
Cavalgada

A

A

lua banha a solitária estrada...

Silêncio!... mas além, confuso e brando,

O som longínquo vem se aproximando
galopar de estranha cavalgada.

Do

São

fidalgos que voltam da caçada;

alegres, vêm rindo, vêm cantando,

trompas a soar vão agitando

remanso da noite embalsamada...

Vêm

E as

O

E o

bosque estala, move-se, estremece...

cavalgada o estrépito que aumenta

se após no centro da montanha...

Perde-

E o

silêncio outra vez soturno desce,

límpida, sem mácula, alvacenta

lua a estrada solitária banha...

E

A

Simbolismo, se caracteriza por uma linguagem abstrata e meditativa, flertando continuamente o misticismo e religiosidade.

Poema de Cruz e Sousa

Sinfonias do ocaso

Musselinosas como brumas diurnas descem do ocaso
as sombras harmoniosas, sombras veladas e
musselinosas para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas, os céus
resplendem de sidéreas rosas, da Lua e das Estrelas
majestosas iluminando a escuridão das furnas. Ah!

por estes sinfônicos ocasos a terra exala aromas de
áureos vasos, incensos de turíbulos divinos. Os
plenilúnios mórbidos vaporam ... E

como que no Azul plangem e choram cítaras, harpas,
bandolins, violinos ...

Pré-modernismo, período de transição, marcado, entre outros aspectos, pela busca dos valores tradicionais, linguagem coloquial, regionalismo e valorização dos problemas sociais.

Poema de Euclides da Cunha

A Flor do Cárcere

Nascera ali no limo viridente Dos
muros da prisão como uma esmola Da
natureza a um coração que estiola
Aquela flor imaculada e olente...

E 'ele' que fora um bruto, e vil descrente, O
Quanta vez, numa prece, ungido, cola
lábio seco, na úmida corola
Daquela flor alvíssima e silente!...

E ele que sofre e para a dor existe
Quantas vezes no peito o pranto estanca!...
Quantas vezes na veia a febre acalma,

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
Aquela estrela perfumada e branca,
Que cintila na noite de sua alma...

Modernismo, entre os seus principais atributos, estão: o humor, o flerte com as vanguardas europeias, o desenvolvimento de temas do cotidiano, a liberdade formal e um diálogo crítico com o passado histórico.

de Andrade

Poema de Oswald

A descoberta

Seguimos nosso
caminho por este mar de longo Até a oitava da
Páscoa Topamos aves
E houvemos vista de
terra os selvagens Mostraram-lhes uma
galinha Quase haviam medo dela
E não queriam por a mão
E depois a tomaram como
espantados primeiro chá Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real as meninas da
gare Eram três ou quatro moças
bem moças e bem gentis Com cabelos mui pretos
pelas espáduas E suas vergonhas tão
altas e tão saradinhas Que de nós as muito
bem olharmos Não tínhamos
nenhuma vergonha.

Pós Modernismo, período no qual são retomados tanto o caráter de crítica social como os temas místicos.

Poema de Cecília Meireles

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Naturalismo, influenciada pelas ideias darwinistas de evolução das espécies em alta na Europa.

Poema de Aluísio Azevedo

PORQUE MENTIAS?

Por que mentias leviana e bela?

Se minha face pálida sentias

Queimada pela febre, e se minha vida

Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo

Sinto na mocidade as agonias.

Por tua causa desespero e morro... Leviana sem dó,
por que mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites

Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe esse pobre coração que treme

Que

a esperança perdeu por que mentias!

Vê

minha palidez - a febre lenta

Esse fogo das pálpebras sombrias...

Pousa a mão no meu peito! Eu morro! Eu morro!

Leviana sem dó, por que mentias?